

O QUE É A VERDADE IV

As características de falso ou verdadeiro não se aplicam a coisas que se autodescrevem com aquelas características. Se uma autodescrição de falso/verdadeiro não puder ser testada, a descrição não tem sentido lógico, não passando de uma construção gramatical, como *A Bola Chove*. Não ser testável, porém, não implica ser falso ou verdadeiro. Não há como saber.

Veja estas frases:

- 1) Eu sempre minto → Não testável, sem sentido.
- 2) Esta frase é falsa → Não testável, sem sentido.
- 3) O homem não se fez a si mesmo → Não testável, mas incontestável
- 4) Eu não me fiz a mim mesmo → Não testável em termos físicos e fisiológicos, mas contestável em termos psicológicos
- 5) Eu sou bom nisso → Testável
- 6) Deus existe → Não testável, por falta de definição completa.
- 7) Deus não existe → Não testável, por falta de definição completa. Ao que é indefinível não se aplica as características de falso ou verdadeiro.
- 8) Há vida depois da morte → Testável, mas pré-contestável. Quem fica pode contestar, dizendo que o testador não vai voltar para informar o resultado.
- 9) Etiquetas existem → Testável e verdadeiro para mim, pois tenho a definição completa: uma espécie de etiqueta colante.
- 10) Verinoupri não existe → Testável e falso para mim, pois tenho a definição completa: uma estação que é, simultaneamente, verão, inverno, outono e primavera.
- 11) Eu sou a minha própria vida → Não testável, mas incontestável.
- 12) Eu sou um número perfeito e primo. Eu não existo ← Isto é uma verdade. Eu não existo como um número perfeito e primo, então eu estou mentindo na primeira frase.
 - A. Se algo é tomado como falso, então ele é o oposto daquilo que ele mostra ser.
 - B. Se algo é tomado como verdadeiro, o oposto do que ele mostra ser é falso.
 - C. Se algo toma o seu oposto como verdadeiro e for tomado como verdadeiro...o fato é decidido como falso.
 - D. Se algo toma o seu oposto como verdadeiro e for tomado como falso...o fato é decidido como verdadeiro.
 - E. Se algo toma o seu oposto como falso e for tomado como verdadeiro...o fato é decidido como verdadeiro.
 - F. Se algo toma o seu oposto como falso e for tomado como falso...o fato é decidido como falso.

As reticências acima foram colocadas antes de eu fazer os testes, usando a tabela a seguir.

Fato	Oposto	Confissão do oposto	Aceitação por um júri	Conclusão
V	F	V	V	O falso (Oposto) é verdadeiro. Mentira aceita. O fato é falso
V	F	V	F	O falso é, realmente, falso. Mentira não aceita. O fato é verdadeiro
V	F	F	V	O falso é falso. Confissão aceita. O fato é verdadeiro
V	F	F	F	O falso é verdadeiro. Confissão não aceita. O fato é falso
F	V	V	V	O verdadeiro (Oposto) é verdadeiro. Mentira aceita. O fato é falso. Deus não existe ==> Deus existe
F	V	V	F	O verdadeiro é falso. Mentira não aceita. O fato é verdadeiro. Deus não existe ==> Deus não existe
F	V	F	V	O verdadeiro é falso. Confissão aceita. O fato é verdadeiro
F	V	F	F	O verdadeiro é falso. Confissão não aceita. O fato é falso

Mentir é afirmar uma mentira como verdade, ou seja, a afirmação, em si, é verdadeira, mas, o que ela traduz não é verdadeiro. Mas, essa tradução pode ser tomada como verdadeira (mentira aceita como verdade) ou falsa (mentira não aceita, o que implica que o oposto dela é a verdade).

$2+2 = 5$, como uma colocação, um fato vocalizado, é verdadeiro, mas o que esse fato traduz é falso. Afirmar que essa tradução é verdadeira é mentir. Mentira não aceita, implica que $2+2 \neq 5$. Mentir é, também, afirmar uma verdade como mentira: $2+2 \neq 4$.

Dizer a verdade é afirmar uma mentira como mentira ($2+2 \neq 5$) ou afirmar uma verdade como verdade ($2+2=4$).

Vamos analisar a frase EU SEMPRE MINTO. Para isso, vamos supor que o contrário de SEMPRE é NUNCA (não é ÀS VEZES).

Vamos supor que os quadros a seguir mostram as minhas vocalizações.

...

... (coisas que eu digo normalmente, não importando se é verdade ou não)

...

1 - Eu sempre minto

...

...

Ao dizer "eu sempre minto", podemos concluir que tudo que eu disse acima da linha 1 e abaixo dela foi e é mentira.

Vamos colocar assim agora:

...
... (coisas que eu digo normalmente, não importando se é verdade ou não)
...
1 - Eu sempre minto
...
...
2 - Eu sempre minto
...
...
...

Se tudo o que estiver acima e abaixo da linha 2 for mentira, então eu menti ao dizer que sempre minto, na linha 1, o que implica que o que está acima e abaixo da linha 1 não são mentiras. Então estou falando a verdade na linha 2, e o que está acima e abaixo dela é mentira, o que implica que o que eu disse na linha 1 é mentira.

Agora vamos colocar assim:

...
... (coisas que eu digo normalmente, não importando se é verdade ou não)
...
1 - Eu sempre minto
...
...
2 - Eu sempre falo a verdade
...
...

Pela linha 1, eu estou mentindo na linha 2. Vale o primeiro bloco. Se tudo que estiver acima e abaixo da linha 2 for verdade, então estou falando a verdade na linha 1, o que implica que estou mentindo na linha 2.

Se a linha 2 é verdade, eu estou mentindo, fazendo uma afirmação falsa. Se estou mentindo na linha 2, estou confirmando a linha 1, onde eu falo uma verdade. Se a linha 2 for uma mentira, a linha 1 está certa - é uma verdade.

Não há o jogo de empurra-empurra aqui, com há no segundo bloco.

Esse é o problema da verdade: "Eu sempre minto" pode ser uma verdade. "Não é verdade" pode ser uma verdade.

Veja:

" $2 \neq 2$ " não é verdade. " $2 \neq 2$ não é verdade" é verdade!
("2≠2" é falso. "2≠2 é falso" é verdade)

" $2=2$ " é verdade. " $2=2$ é verdade" é verdade.
" $2 \neq 2$ " é verdade. " $2 \neq 2$ é verdade" é falso.
" $2=2$ " não é verdade. " $2=2$ não é verdade" é falso.
("2=2" é falso. "2=2 é falso" é falso)

É verdade que algo pode ser falso. Também, é verdade que algo pode ser verdadeiro.
É mentira que algo pode ser falso? Não, pode ser mentira que algo seja falso.
Pode ser mentira que algo seja verdadeiro.

Vamos ver isso agora:

...
... (coisas que eu digo normalmente, não importando se é verdade ou não)
...
1 - Eu sempre falo a verdade
...
...
2 - Eu sempre falo a verdade
...

Aqui não faz diferença. Uma linha confirma a outra, em vez de contradizer.

O problema da verdade é que ela se aplica à mentira também. Verdade e mentira não pertencem ao mesmo grupo. Há a verdade de ser e a verdade de descrever. Há a mentira de ser que é descrita pela verdade de descrever.

Então, para caracterizar falso ou verdadeiro, a descrição não pode ser considerada, mas apenas o ser e o não ser. Assim, o EU SEMPRE MINTO não deve ser analisado descritivamente.

Deve-se separar entre *o que a frase fala* e *o que se fala da frase*.

O que a frase fala: *Ele sempre mente*.

O ser: se aplica a tudo o que ele diz, exceto a esta afirmação por parte dele. Veja que a simples troca de pronomes removeu o empurra-empurra.

O que se fala da frase: Ele está mentindo quando diz que sempre mente? Ele está falando a verdade quando diz que sempre mente?

Por que tem um verbo para a mentira e não tem um verbo para a verdade? Vamos criar um. Agora tem o verbo MENTIR e o verbo VERDAR.

EU SEMPRE VERDO

Verdade → Tudo, e isso, é verdade. Isso (a afirmação) sendo verdade, tudo é verdade.

Mentira → Isso sendo falso, nem tudo é verdadeiro ou falso. Eu posso ter sempre mentido. Posso ter mentido, às vezes. Posso estar mentindo apenas agora, com a intenção de mentir depois.

EU SEMPRE MINTO

Verdade → Tudo, exceto isso, é mentira. (A verdade é que) tudo que eu já disse e ainda vou dizer são mentiras.

Mentira → Tudo, exceto isso, é verdade. (A verdade é que) tudo que eu já disse e ainda vou dizer são verdades.

O que é *falado* (F) e o de que *o que é falado fala* (f).

Seja *F* a frase EU SEMPRE MINTO, e seja *f* tudo o que eu já falei ou falarei.

$$F(f) = \begin{cases} \text{Se } F \text{ é verdadeira, então } f \text{ é falso} \\ \text{Se } F \text{ é falso, então } f \text{ é verdadeiro (assumimos que o oposto de sempre é nunca)} \end{cases}$$

Como fica $F(F)$?

$$F(F) = \begin{cases} \text{Se } F \text{ é verdadeira, então } F \text{ é falso} \\ \text{(Se EU SEMPRE MINTO, então EU SEMPRE VERDO, o que implica} \\ \text{que EU SEMPRE MINTO é uma verdade, o que fecha e encerra o ciclo)} \\ \text{Se } F \text{ é falso, então } F \text{ é verdadeiro} \\ \text{(Se EU SEMPRE VERDO, então EU SEMPRE MINTO)} \end{cases}$$

Aí está. *F* se descreve com características de falso ou verdadeiro. A falta de sentido lógico acaba levando a uma conclusão contraditória de si mesma. Não há como testar *F*, apesar de se poder criar um algoritmo/programa que represente *F*. Inclusive, esse tipo de algoritmo é usado em Teoria da Computação para “teorizarem” que não é possível construir um programa que analise outros programas quanto a pararem ou não.

Brasília – Julho/2011.